

ENSINO SUPERIOR NOTURNO: UMA LEITURA DO CURSO DE ENGENHARIA ELÉTRICA NO CENTRO UNIVERSITÁRIO POSITIVO

Salmo Pustilnick – salmo@unicenp.edu.br

Arleide C. Alves – aalves@unicenp.edu.br

Centro Universitário Positivo, Núcleo de Ciências Exatas e Tecnológicas
Rua Professor Pedro Viriato Parigot de Souza, 5300
81280-330 – Curitiba - PR

***Resumo:** O ensino superior noturno apresenta crescente demanda. É necessário refletir sobre as características e questões relacionadas ao estudante trabalhador, bem como o papel das instituições e profissionais envolvidos no contexto de sua formação. O objetivo deste artigo é mapear algumas características de alunos do turno da noite da Engenharia Elétrica do UNICENP egressos em 2005 e 2006. São apresentados fatores como idade, classificação no vestibular e coeficiente de rendimento ao final do curso. Um memorial de dados e análises constantes pode significar a diferença entre atender bem ou não às necessidades dessa modalidade de ensino.*

***Palavras-chave:** ensino superior noturno, Engenharia Elétrica, estudante-trabalhador, função social.*

1 INTRODUÇÃO

A Universidade, como qualquer instituição social, não deve ser pensada como se pudesse existir de forma autônoma e independente da realidade histórico-social da qual faz parte. Devido a diversos fatores, entre eles, principalmente a necessidade do trabalho para a sobrevivência, uma grande parte da população estudantil brasileira só se escolariza em função da existência do período noturno nas instituições de ensino superior. O ensino superior noturno é, para vários trabalhadores, a oportunidade da busca do aperfeiçoamento e aprimoramento profissional dentro de suas áreas de atuação. Essa formação deve acontecer em parceria com o mercado e com a realidade social do aluno. Na área de Engenharia, essa opção concentra-se nas instituições privadas em cursos integralmente noturnos, como é o caso da Engenharia Elétrica do UNICENP (Centro Universitário Positivo), que desde o ano 2000 oferece tal oportunidade.

No atual mundo globalizado, cada vez mais exigente e competitivo, professores, alunos e instituições que atuam no ensino superior noturno têm inúmeros desafios: refletir sobre suas práticas e questionar até que ponto se está contribuindo para a transformação da realidade e para a motivação do processo ensino-aprendizagem e ainda se estão, de fato, conectados à

necessidade e realidade social, na qual os futuros diplomados irão atuar. Antes de atingir tais metas, é necessário diagnosticar o aluno do curso noturno.

O objetivo deste artigo é apresentar algumas características dos alunos da Engenharia Elétrica do UNICENP egressos nos anos de 2005 e 2006. Para esta análise são considerados fatores como idade, classificação no vestibular e coeficiente de rendimento ao final do curso. A justificativa reside na necessidade de oferecer um ensino adequado à demanda dos alunos dos cursos superiores noturnos.

2 A UNIVERSIDADE E OS CURSOS NOTURNOS NO BRASIL

A história da criação da Universidade no Brasil apresenta uma resistência por parte de Portugal que, como reflexo de sua política de colonização, via na criação destas instituições não apenas a formação de profissionais, mas também a conseqüente aquisição de independência cultural da colônia, uma real possibilidade de ameaça e contestação à coroa. Por outro lado, havia a resistência de alguns brasileiros que buscavam formação superior fora do país, em geral na Europa, não havendo, portanto, justificativas para importância ou necessidade da criação de uma instituição deste gênero no país.

Os antecedentes da questão do ensino superior no Brasil remontam ao período jesuítico, onde entre os anos de 1554 e 1570 foram fundadas cinco escolas de instrução elementar e três colégios. A organização do ensino seguia orientação geral do Real Colégio das Artes, de Coimbra. Nesta época a escola exigia dedicação exclusiva do aluno, não existindo cursos noturnos ou que fossem acessíveis aos trabalhadores. O ensino tinha como objetivo proporcionar uma cultura geral básica, não havendo a preocupação de qualificar para o trabalho. Em 1759, quando os padres jesuítas foram expulsos do Brasil, alguns colégios então existentes passaram a ser dirigidos pelos franciscanos e o sistema jesuítico foi substituído pelas reformas educacionais do Marquês de Pombal. Com a vinda da família real ao Brasil, por fim são criadas as primeiras escolas superiores, que, segundo Fávero (1977), tinham nítido caráter profissionalizante e eram organizadas como um serviço público, mantido e controlado pelo Governo. Visavam à preparação de pessoal para desempenhar diferentes funções na Corte. Para exemplificar, pode-se citar, em 1808 e em 1810 a criação da Academia Real da Marinha e da Academia Real Militar, respectivamente, cujos objetivos eram, sobretudo, atender a formação de oficiais e engenheiros civis e militares, que por certo, contribuiu muito para o favorecimento da defesa militar da Colônia, então sede da Monarquia.

Nesse contexto, é fato que as escolas superiores existiam para os filhos de famílias abastadas, que podiam dedicar-se exclusivamente aos estudos. Está claro, portanto, que o ensino era, até então, elitista e excludente.

O ensino noturno começou a funcionar no Brasil-Império, nas províncias. Havia classes noturnas de ensino primário, destinadas aos adolescentes e adultos analfabetos. Através do DECRETO N° 7.031, de 06 de setembro de 1878, foram estabelecidas algumas normas para tal modalidade de ensino, como, por exemplo, que o ensino noturno deveria ser ministrado nas dependências das escolas primárias que estivessem ociosas à noite. Carvalho (1984) cita algumas características do ensino noturno: era destinado, aos que a idade e a necessidade de trabalhar, não permitissem freqüentar cursos diurnos, servindo ao *“homem do povo, que vive do salário”*; funcionava em locais improvisados ou cedidos; os professores recebiam apenas uma gratificação para se encarregar destas aulas.

Percebe-se, claramente, o início de um preconceito que até nossos dias envolve o aluno do curso noturno. Segundo Fávero (1977), ao final do Império e nas vésperas da reforma de Leôncio de Carvalho, o Brasil contava com seis estabelecimentos civis de ensino superior e nenhuma universidade. Em 19 de abril de 1879 foi promulgada uma reforma pelo DECRETO LEI N° 7247, deixando claro que o ensino noturno visava propiciar a continuidade nos estudos, não mais sendo voltado apenas aos adultos analfabetos.

No período que corresponde aos anos de 1909 e 1912, três universidades foram criadas. São chamadas universidades passageiras. A primeira em Manaus, em 1909; a Universidade de São Paulo em 1911, que sobreviveu até 1917 e em 1912, a Universidade do Paraná. Devido à Reforma Carlos Maximiliano que impedia que em cidades com menos de cem mil habitantes, como era o caso de Curitiba, as escolas superiores se equiparassem à Universidade, essa última instituição não sobreviveu.

Em 1915, o problema da criação da Instituição Universitária tomou forma legal, transformando em universidades as escolas politécnicas, de medicina e uma faculdade livre de direito do Rio de Janeiro. A Universidade foi então dispensada de taxa de fiscalização e obteve, gratuitamente, edifício para funcionar. Por tais motivos, provavelmente, os historiadores consideram a Universidade do Rio de Janeiro, criada em 1920, como sendo a primeira universidade brasileira que foi efetivamente implantada e sobreviveu (ROSSATO, 1999). Na década de 30, o então Ministro da Educação e Saúde Pública, Francisco Campos, elaborou decretos de reformas sobre o ensino secundário, superior e comercial, dos quais, pode-se destacar (FÁVERO, 1977) os seguintes pontos: equiparar tecnicamente as elites profissionais do país e proporcionar ambiente propício à formação da cultura nacional; investigação e ciência pura e o cumprimento da função social educativa.

Em 22 de dezembro de 1922 as instituições federais são autorizadas a criar cursos noturnos. E também, a partir de 1946, com o surgimento das universidades particulares, começa a maior oferta de cursos noturnos. Carvalho (1984) aponta detalhes sobre como era então visto o ensino superior noturno: reserva-se ao trabalhador-estudante que era considerado mais fraco, de uma clientela mais difícil; os professores eram mais sacrificados; os alunos chegavam às instituições cansados devido ao excesso de trabalho; com fome; com falta de tempo real para os estudos; com falta de motivação e estímulo. Segundo Carvalho (1984), o aluno de cursos noturnos só é aluno porque trabalha, isto é, pelo fato de estar trabalhando ou buscando trabalho é que ele se matricula na escola. Tal necessidade faz com que o número de estudantes no período noturno cresça.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), no período noturno, os padrões de qualidade do ensino diurno devem ser mantidos.

2.1 O curso de Engenharia Elétrica do UNICENP

O curso de Engenharia Elétrica do UNICENP tem regime seriado anual e é oferecido nos turnos diurno e noturno. O curso diurno tem duração de quatro anos e o curso noturno, cinco anos. A grade curricular nos dois turnos contém exatamente as mesmas disciplinas, diferindo apenas em sua distribuição ao longo do período de duração do curso, em razão da carga horária diária de aulas ofertadas em cada turno.

Ambos os turnos têm carga horária total de 4.050 horas-aula, contando com laboratórios didáticos e para pesquisa, com equipamentos modernos e de avançada tecnologia nas subáreas: automação, eletrônica (analógica e digital), eletrônica de potência, informática industrial, simulação e projetos, telecomunicações e eletrotécnica.

As aulas de laboratório são realizadas desde a primeira série, em disciplinas básicas e profissionalizantes. As disciplinas de “Projetos Multidisciplinares (três primeiras séries do curso diurno e quatro primeiras séries do curso noturno)” e “Trabalho de Conclusão de Curso (na última série, para os dois turnos)”, envolvem pesquisas e projetos a serem desenvolvidos pelos alunos com a finalidade de promover integração entre as diversas disciplinas do curso. Além disso, envolvem questões sobre responsabilidade social, desenvolvimento sustentável, preservação do meio ambiente e utilização do idioma inglês.

Tendo-se em conta que o conhecimento se constrói com base em ações coordenadas e focadas, principalmente pelo binômio teoria-prática, onde ambos formam pilares para o sucesso do processo de ensino-aprendizagem (FERLIN *et al.*, 2005), desde o início decidiu-se

optar para os dois turnos em iguais conteúdos, bibliografia e mesmo professor, sempre que possível.

As efetivas, inter e multidisciplinaridade, que se desenvolvem desde a primeira série do curso podem ser identificadas por atividades realizadas anualmente, como: a Semana de Engenharia Elétrica, com minicursos e palestras; o Painel de Engenharia Elétrica, com a exposição dos trabalhos de conclusão de curso e a Gincana de Engenharia (DZIEDZIC *et al.*, 2000).

2.2 O aluno UNICENP egresso em 2005 e 2006

Os dados descritos a seguir, em tabelas e gráficos, referem-se aos alunos formados nos anos de 2005 e 2006. O número total de concluintes em 2005 foi de 26 alunos; em 2006, 46 alunos. Como formas de ingresso ao UNICENP, existem duas possibilidades: através do vestibular ou através de transferência a partir de uma outra instituição de ensino superior.

A tabela 1 mostra os dados relevantes para as duas turmas, 2005 e 2006.

Tabela 1 – Dados dos alunos formados em 2005 e 2006

<i>Dados Relevantes</i>	2005	2006
Número total de alunos formados	26	42
Média do coeficiente de rendimento	0,69	0,68
Número de alunos que ingressaram pelo vestibular	21	29
Idade média dos alunos (em anos)	29,5	28,4
Tempo médio decorrido entre a conclusão do nível médio e o início do ensino superior (em anos)	5,3	4,4
Total de alunos que concluíram o ensino médio em escola pública	19	28
Total de alunos que concluíram o ensino médio em escola privada	7	17

A tabela 1 sugere que, ano após ano, a demanda pelo ensino de nível superior noturno tende a aumentar. Além disso, para as duas turmas comparadas, nota-se uma taxa de variação negativa quanto à idade e tempo decorrido entre a conclusão do ensino médio e o início de um curso de nível superior.

Tais fatos indicam que as adequações quanto ao atendimento satisfatório à demanda destes alunos, necessitam rapidez cada vez maior. Em 2005, o maior escore dentre os formados foi de 0,79. Este aluno ingressou em 2001 e obteve a 64ª posição na classificação do vestibular. Sua idade na formatura era de 35 anos, e o intervalo entre a conclusão do ensino médio e o início do curso superior noturno foi de 14 anos. Em 2006, o maior escore dentre os formados foi de 0,81, sendo que este aluno ingressou em 2002 e sua classificação no vestibular foi 66ª posição. A sua idade na formatura era de 30 anos, e o intervalo entre a conclusão do ensino médio e o início do curso superior noturno foi de 6 anos. Apesar de ingressar tardiamente ao ensino superior, os valores ilustrados pelos exemplos acima, indicam que o aluno trabalhador tem tanto interesse e potencial quanto os que podem se dedicar integralmente aos estudos por não terem necessidade do trabalho para sobrevivência. Além disso, devem ser vencidos os tabus quanto ao intervalo entre a conclusão do ensino médio e o início de um curso superior.

A figura 1 mostra a relação entre a idade e o coeficiente geral de rendimento do aluno ao final do curso para os formandos de 2005. A figura 2 apresenta a relação entre a idade e o coeficiente geral de rendimento do aluno ao final do curso para os formandos de 2006. Tal coeficiente é calculado com base nas médias de cada bimestre em cada disciplina das cinco séries cursadas pelo aluno. A figura 3 mostra a relação entre a classificação do aluno no

vestibular e o coeficiente geral de rendimento para os formandos de 2005 e a figura 4, a relação entre a classificação do aluno no vestibular e o coeficiente geral de rendimento para os formandos de 2006.

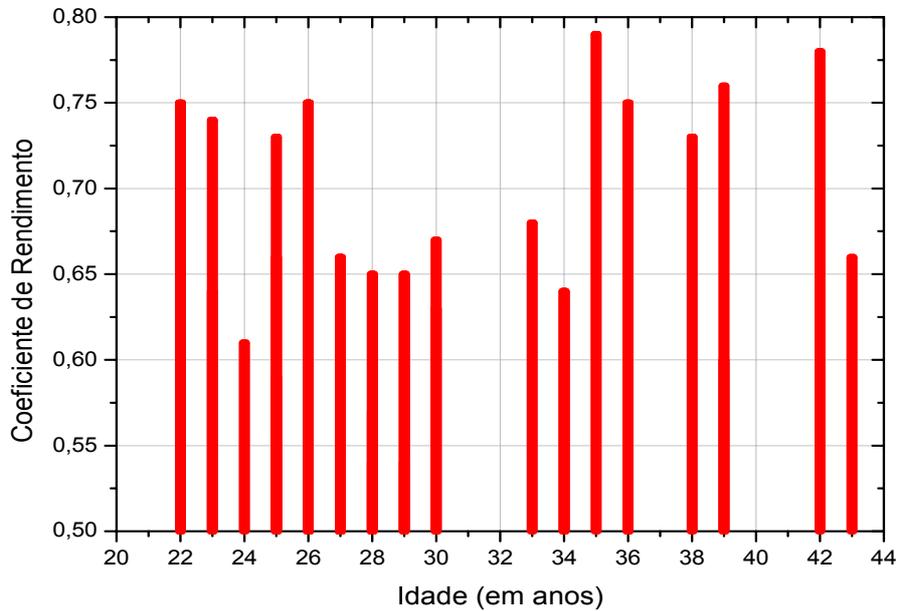


Figura 1 – Idade dos Alunos x Coeficiente de Rendimento – 2005

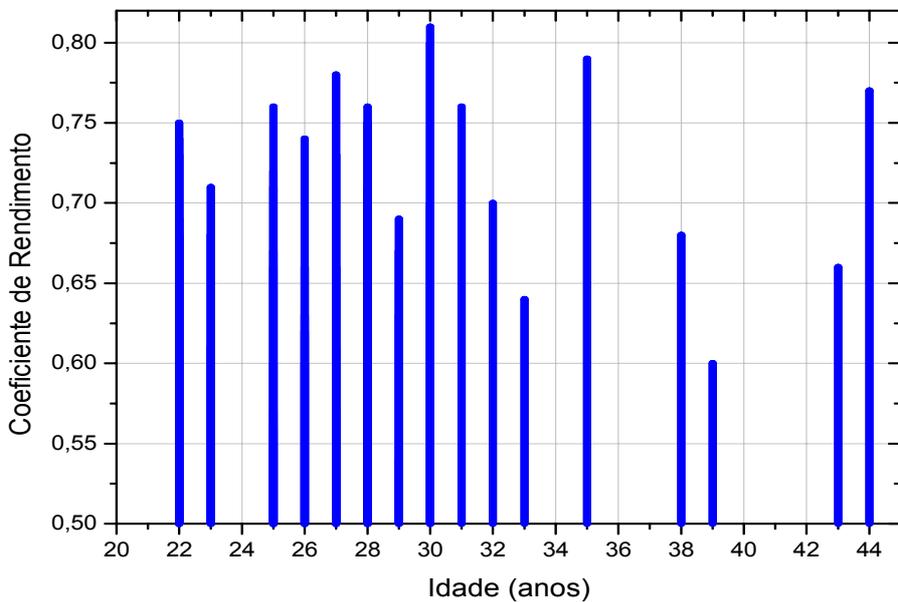


Figura 2 – Idade dos Alunos x Coeficiente de Rendimento – 2006

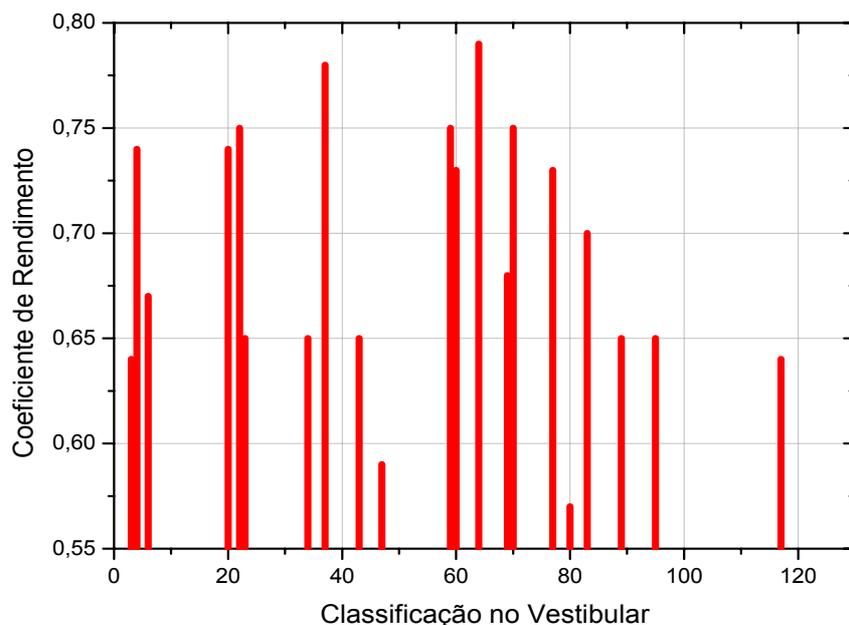


Figura 3 – Classificação no Vestibular x Coeficiente de Rendimento – 2005

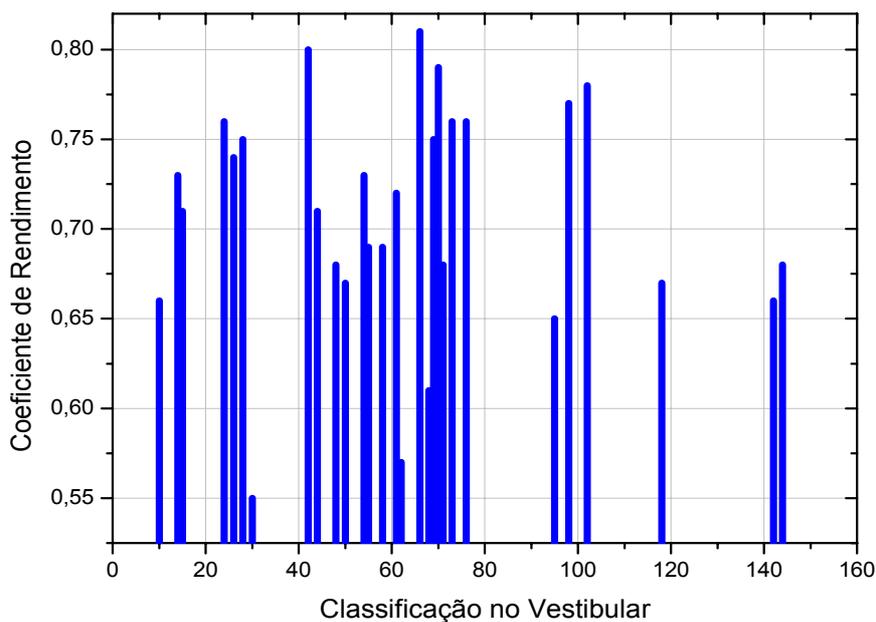


Figura 4 – Classificação no Vestibular x Coeficiente de Rendimento – 2006

As figuras 1, 2, 3 e 4 mostram claramente que não há comportamento determinístico que relacione a idade ou a classificação no vestibular e o coeficiente de rendimento do aluno ao final do curso. Isso quer dizer que, todo aluno pode ser, em potencial, o melhor colocado ao final de seu curso. Está claro que o objetivo final do educador e da instituição não é quantificar o rendimento e estabelecer um *ranking*, mas, a correta leitura desses gráficos deve incitar-nos a repensar alguns pré-conceitos relacionados ao aluno do ensino superior noturno.

3 CONCLUSÃO

O aluno do curso superior noturno não escolhe estudar a noite; isso é contingência de sua história pessoal. Com o mercado de trabalho exigindo uma qualificação maior de seus participantes, torna-se necessário que a mão de obra trabalhadora se qualifique. Uma vez que a Constituição afirma que a função do ensino superior é qualificar os futuros profissionais e atender as necessidades da sociedade, fica claro que ao se oferecer cursos de ensino superior noturnos, sem prejuízo à jornada de trabalho executada por seus alunos durante o período diurno, as instituições se prestam à função social salientada pela Constituição.

Após todas as considerações deste trabalho, está clara a necessidade da oferta dos cursos noturnos em nossa sociedade. Porém, é necessário que se tome muito cuidado com a qualidade deste ensino noturno. Ele não deve estar voltado somente a atender esta classe, mas deve ter a preocupação de prepará-la para o trabalho de forma a não apenas atender os anseios da sociedade bem como do próprio estudante, cujo perfil deve ser constantemente monitorado pela instituição, a fim de que seja provida toda e qualquer adaptação pertinente. Tal monitoramento inclui manter informações detalhadas do aluno que ingressa na instituição, um acompanhamento do seu desenvolvimento enquanto pertencente à instituição e, posteriormente, um acompanhamento do aluno formado em sua colocação profissional. Com vistas a cumprir esse objetivo, o curso de Engenharia Elétrica do UNICENP estabeleceu iniciar a atividade anual denominada “Encontro de Egressos”, que visa promover manutenção do vínculo entre o profissional formado por esta instituição, o mercado de trabalho e futuros formados.

Além disso, apesar de características julgadas como não-ideais, tais como: faixa etária avançada, falta de tempo para estudar e preocupações oriundas do fato já estar atuando no mercado de trabalho, o aluno do ensino superior noturno tem maturidade que se traduz em disposição e bons resultados, o que sem dúvida deve produzir horas de reflexão aos profissionais envolvidos na formação desses cidadãos.

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, C.P. de. **Ensino noturno**: realidade e ilusão. SP: Cortez, 1984. (Coleção polêmicas do nosso tempo; V.12).

DZIEDZIC, M.; TOZZI, M. J.; FERLIN, E.P. et al. Multidisciplinary engineering programs at Unicenp. In: ASEE/IEEE FRONTIERS IN EDUCATION CONFERENCE, 30rd. P. 13-16. Kansas City - KA – USA, 2000.

FÁVERO, M.L. **A universidade brasileira em busca de sua identidade**. Petrópolis : Vozes, 1977.

FERLIN, E.P.; PILLA JÚNIOR, V; SAAVEDRA FILHO, N.C. The teory-practice partnership. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON INFORMATION TECHNOLOGY BASED HIGHER EDUCATION AND TRAINING, ITHET 6th. Juan Dolio, Dominican Republic, 2005.

**NOCTURNAL SUPERIOR EDUCATION:
A READING OF THE ELECTRIC ENGINEERING COURSE IN
POSITIVO UNIVERSITY CENTER**

***Abstract:** The demand for nocturnal superior education is increasing. It is necessary some reflection about the characteristics and questions related to the student, as well as the role of the institutions and personnel involved in the context of this kind of education. The objective of this article is to map some characteristics of the students of Electric Engineering whose graduation was in 2005 and 2006. The factors compared are age, classification in the college entrance test and mean score at the end of the course. A memorial of data and the continued analysis of this data can make the difference among assisting well or not the necessity of this educational mode.*

***Key-words:** nocturnal superior education, Electric Engineering, student-worker, social function.*